

Partidos não se entendem na hora de optar

Entraram ontem em ritmo ainda mais frenético as discussões nos partidos que estão fora do segundo turno para a tomada de posição na disputa entre Fernando Collor (PRN) e Luiz Inácio Lula da Silva (Frente Brasil Popular). A Executiva Nacional do PSDB, em reunião muito concorrida, decidiu encaminhar ao Diretório Nacional, no próximo sábado, a proposta de "apoio crítico" ao candidato do PT. A cúpula dos tucanos ressaltou ainda as diferenças programáticas entre os partidos, mas deixou aberta a brecha a entendimentos mais profundos. Descartada mesmo ficou a hipótese de o PSDB apoiar Collor de Mello, excetuando-se aí possíveis dissidências isoladas.

No PMDB, o grupo moderado tenta contestar a recomendação da Executiva Nacional pelo apoio a Lula no segundo turno. Liderada pelo ministro do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio, Roberto Cardoso Alves, a ala sustenta que a decisão sobre os rumos do partido deve ser tomada numa Convenção Nacional. Como a Executiva é integrada em sua totalidade por membros da esquerda, os moderados lutarão contra a estrutura de poder da legenda. Entre os governadores a posição é de espera, uma vez que alguns não têm condições de compor com a Frente Brasil Popular em seus estados de origem. O partido segue em meio às contradições internas com que sempre conviveu. A reunião articulada pelo governador da Bahia, Nilo Coelho, foi adiada até que a poeira baixe e as diversas tendências delimitem seus campos. Em São Paulo, a discórdia se tornou explícita entre Orestes Quércia, que defende neutralidade na disputa Lula-Collor, e seu vice, Almino Afonso, que defendeu abertamente ontem apoio ao candidato petista.

Animado com a quarta colocação do candidato Paulo Maluf, a Executiva do PDS também se reuniu ontem para analisar a sucessão. A performance de Maluf nas urnas foi tão consagradora entre seus pares que ele foi alçado à condição de negociador do partido na disputa final. Uma comissão deverá ir a São Paulo para comunicar-lhe a decisão. Para o deputado Delfim Netto, presidente do PDS atualmente, o partido não tem dono e a decisão deve ser bem analisada. Já a preocupação de senador Jarbas Passarinho é que o apoio não seja rejeitado pelo candidato escolhido. Delfim manifestou ainda no primeiro turno simpatias à candidatura Collor, enquanto Passarinho e outros deputados como Adilson Mota tendem a uma posição de independência. (Mais sobre a dança das adesões na página 5)